

**Vitimização de funcionários a alunos: violência explícita, disfarçada por práticas
escolares e negligência**

**Victimization of employees to students: explicit violence, disguised by school practices
and neglect**

**Victimización de empleados a estudiantes: violencia explícita, disfrazada de prácticas
escolares y negligencia**

Recebido: 15/07/2020 | Revisado: 04/08/2020 | Aceito: 10/08/2020 | Publicado: 15/08/2020

Karla Julianne Negreiros de Matos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2485-8541>

Universidade Estadual do Ceará, Brasil

E-mail: karlamatospsi@gmail.com

Ana Carina Stelko Pereira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8089-132X>

Universidade Federal do Paraná, Brasil

E-mail: anastelko@gmail.com

Lídia Andrade Lourinho

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7833-9491>

Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Faculdade Luciano Feijão, Brasil

E-mail: lidiandrade67@gmail.com

Resumo

Não se sabe qual é a abrangência da vitimização de funcionários a alunos e os fatores que influenciam esse fenômeno, pois são poucos os estudos a respeito e os instrumentos para a investigação do problema. Este estudo objetivou avaliar as características psicométricas da Escala de Vitimização de Funcionários a Alunos (Evaf). Para tanto, foram analisadas as respostas ao instrumento de pesquisa de 1,484 alunos de escolas públicas de 6º a 9º ano do Ensino Fundamental provenientes de seis cidades de quatro estados brasileiros. Notou-se que a escala é formada por três fatores: violência explícita; disfarçada por práticas escolares; e negligência, os quais, conjuntamente, explicam 57,9% da variância, com um índice de consistência interna de 0.85. Assim, a Evaf apresentou duas dimensões teoricamente adequadas, abordando itens representativos do fenômeno da Vitimização de Funcionários a

Alunos, com consistência interna moderada. Em conclusão, a Evaf mostrou-se ser um instrumento favorável para este tipo de pesquisa.

Palavras-chave: Psicometria; Análise fatorial; Violência.

Abstract

It is not known what is the scope of victimization of employees to students and the factors that influence this phenomenon, since there are few studies about it and the instruments for investigating the problem. This study aimed to evaluate the psychometric characteristics of the Student Employee Victimization Scale (Evaf). To this end, the responses to the research instrument of 1,484 public school students from the 6th to the 9th grade of elementary school from six cities in four Brazilian states were analyzed. It was noted that the scale is formed by three factors: explicit violence; disguised by school practices; and neglect, which together explain 57.9% of the variance, with an internal consistency index of 0.85. Thus, Evaf presented two theoretically adequate dimensions, addressing items representative of the phenomenon of victimization of employees to students, with moderate internal consistency. In conclusion, Evaf proved to be a favorable instrument for this type of research.

Keywords: Psychometry; Factor analysis; Violence.

Resumen

No se sabe cuál es el alcance de la victimización de los empleados a los estudiantes y los factores que influyen en este fenómeno, ya que hay pocos estudios al respecto y los instrumentos para investigar el problema. Este estudio tuvo como objetivo evaluar las características psicométricas de la Escala de victimización del empleado empleado (Evaf). Con este fin, se analizaron las respuestas al instrumento de investigación de 1.484 estudiantes de escuelas públicas del sexto al noveno grado de la escuela primaria de seis ciudades en cuatro estados brasileños. Se observó que la escala está formada por tres factores: violencia explícita; disfrazado de prácticas escolares; y negligencia, que en conjunto explican el 57.9% de la varianza, con un índice de consistencia interna de 0.85. Así, Evaf presentó dos dimensiones teóricamente adecuadas, abordando ítems representativos del fenómeno de victimización de los empleados a los estudiantes, con moderada consistencia interna. En conclusión, Evaf demostró ser un instrumento favorable para este tipo de investigación.

Palabras clave: Psicometria; Análise fatorial; Violência.

1. Introdução

A violência cometida por funcionários de escolas a estudantes é um fenômeno pouco estudado, mas vem ganhando notoriedade, conforme se reconhece a importância de práticas escolares não coercitivas, inclusive para lidar com questões de indisciplina. Esse tipo de violência faz parte do fenômeno da violência escolar e maus-tratos infantis (Cavalcante, 2020).

Poucos estudos internacionais contêm dados sobre o fenômeno, entretanto, verifica-se uma média de 12,5% de prevalência de violência física e 29,5% de violência psicológica, e ainda se percebe uma associação entre sofrer violência de funcionário na escola e baixo rendimento acadêmico; evasão escolar; impactos negativos nas saúdes mental, física; na qualidade de vida; e perpetuação da violência sofrida (Matos, 2019). Ademais, conforme revisão de Matos (2019), que apenas encontrou 25 estudos sobre o tema, não parece existir questionário fechado específico para aferir violência por funcionário e que tenha tido suas características psicométricas avaliadas.

Um instrumento, para ser considerado adequado, deve mensurar o constructo para o qual foi desenvolvido, assim garantindo que as evidências encontradas auxiliem na interpretação do fenômeno proposto (validade) e deve ser preciso, como ter consistência no padrão de respostas aos seus itens (Urbina, 2006). Um instrumento para aferir violência praticada por funcionários deve conter questões que abordem as ações violentas do funcionário para com o aluno e não ações relativas a diferenças de opinião, por exemplo; e os itens devem ser elaborados de maneira que proporcionem consistência no responder.

Em síntese, é importante avaliar situações de violência praticada por funcionários, pois o problema parece ser frequente nas escolas e acarreta sérias consequências ao desenvolvimento humano. Contudo, há carência de escalas para aferir o problema que tiveram suas propriedades psicométricas avaliadas. O objetivo deste estudo, portanto, foi verificar evidências de validade e precisão de uma escala brasileira de avaliação de violência praticada por funcionários.

2. Metodologia

2.1. Participantes

Tomaram parte neste estudo 1.268 estudantes; a maioria do sexo feminino (53,2%), com idades variando entre 10 e 17 anos ($M = 13,02$; $DP = 1,34$). Os estudantes eram provenientes das cidades de Curitiba (65,8%), São Paulo (12,7%), Fortaleza (11,3%), São Carlos (6,3%) e Pouso Alegre (3,9%). Quanto à série, 22,7% estavam na 6^a série; 29,6%, na 7^a série; 29,3%, da 8^a série; e 18,4% na 9^a série. Para proceder às análises, os participantes foram divididos aleatoriamente em duas subamostras. A subamostra 1 ficou constituída por 643 estudantes, com a maioria do sexo feminino (53,3%) e idades variando entre 10 e 17 anos ($M = 13,02$; $DP = 1,39$). A subamostra 2 ficou constituída por 625 estudantes, com a maioria do sexo feminino (53,8%) e idades variando entre 10 e 17 anos ($M = 13,06$; $DP = 1,41$). A primeira amostra foi utilizada para a análise fatorial exploratória, enquanto a segunda amostra para a análise fatorial confirmatória.

2.2. Instrumento

A Escala de Vitimização de Funcionários a Alunos (Evaf) é parte da Escala de Violência Escolar – versão alunos, desenvolvida por Stelko-Pereira e Williams (2016).

2.3. Cuidados éticos

A coleta em cada uma das cidades participantes apenas ocorreu após aprovação dos Comitês de Ética em Pesquisa com Seres Humanos de cada uma das instituições em que os pesquisadores que aplicaram o EVE se vinculavam, ou seja, Universidade Tuiuti do Paraná (CAAE 12501513.9.00000103); Universidade Federal de São Carlos (CAAE 12487813.2.0000.5504); Universidade de São Paulo (CAAE 04741913300005561); e Universidade Estadual do Ceará (CAAE 25377913.6.0000.5534).

2.4. Análise dos dados

Os dados foram tabulados e analisados através do *software* SPSS versão 21. Ademais, utilizou-se o *software* AMOS 21 para realizar a análise fatorial confirmatória. Para conhecer a

estrutura fatorial inicial da Evaf, foram realizadas análises fatoriais exploratórias com método dos eixos principais. Para a extração dos fatores, foram adotados o valor próprio igual ou maior que 1 (critério de Kaiser); o critério de Cattell (*scree plot*); e a interpretabilidade dos fatores extraídos (Garson, 2013). Inicialmente, foi estabelecido como método de rotação dos fatores o varimax. Como ponto de corte para a carga fatorial, foi adotado o valor de 0,405. Itens que tenham obtido cargas fatoriais acima do ponto de corte, em dois ou mais fatores, foram excluídos da solução fatorial. A consistência interna da escala foi avaliada através do Alfa de Cronbach, considerando-se os valores acima de 0,80 como ideais e acima de 0,70 como aceitáveis (Hair, Black, Babin, Anderson & Tathan, 2009).

A estrutura fatorial obtida na subamostra 1 foi submetida a uma análise fatorial confirmatória com a subamostra 2, com o objetivo de replicar a estrutura fatorial da Evaf, e de testar possíveis modelos alternativos. Foi utilizada a máxima verossimilhança como método de estimação dos parâmetros, tendo em conta a matriz de covariância.

Para conhecer o ajuste do modelo proposto e compará-lo com modelos alternativos, utilizaram-se os seguintes indicadores: qui-quadrado (χ^2); qui-quadrado normatizado (χ^2/df); Índice de Ajuste Comparativo (CFI); Índice de Ajuste Geral (GFI); Índice de Ajuste Normatizado (NFI); Raiz do Erro Quadrático Médio de Aproximação (RMSEA); o Critério de Informação de Akaike (AIC); e o Índice de Validação Cruzada Esperada (ECVI). Esses índices foram comumente utilizados em estudos anteriores e, embora cada um apresente méritos e limitações, usados de forma conjunta, são fortes indicadores do ajuste do modelo aos dados (Garson, 2013).

Para o qui-quadrado normatizado, valores menores do que 5 indicam um ajuste adequado do modelo, mas são desejáveis valores menores do que 3. Valores de CFI, GFI e NFI, acima de 0,90, indicam um ajuste aceitável, enquanto valores acima de 0,95 indicam bom ajuste. Para o RMSEA, valores de até 0,08 indicam ajuste aceitável, enquanto valores até 0,06 indicam bom ajuste (Garson, 2013). Em relação aos índices de comparação entre os modelos (AIC e ECVI), valores menores indicam um modelo com melhor ajuste.

3. Resultados e Discussão

3.1. Subamostra 1: Análise fatorial exploratória

Para verificar as evidências de validade fatorial e a consistência interna da Evaf, inicialmente, foi avaliado se a matriz de correlação entre os itens é fatorável; foram

computados os índices de KMO = 0,86 e o Teste de Esfericidade de Bartlett, $X^2(91) = 3130,5$, $p < 0,001$ e ambos foram considerados satisfatórios; assim, foi possível prosseguir com as análises. Na primeira análise fatorial, na qual não foi fixado o número de fatores a serem extraídos, foram obtidos três fatores com valores próprios maiores ou igual a 1 (critério de Kaiser), que explicaram, conjuntamente, 57,9% da variância. Além do critério de Kaiser, foram utilizados outros dois critérios empíricos para definir o número de fatores a serem extraídos: a análise paralela de Horn (1965) e o critério de Cattell.

A análise paralela de Horn (1965), realizada com base em 1000 simulações, indicou a extração de dois fatores com valores próprios acima daqueles obtidos randomicamente, como pode ser observado na Tabela 1 apresentada acima. De forma similar, o teste Scree Plot (Critério de Cattell) indicou a extração de dois fatores que se destacaram visualmente dos demais, tal como apresentado na Figura 1. Nesse sentido, foi conduzida uma nova análise fatorial indicando a extração de dois fatores, que explicaram conjuntamente 50,4% da variância. Uma análise do conteúdo dos dois fatores, apontou que um dos fatores foi formado pela junção dos fatores 2 e 3 da solução com 3 fatores, o que prejudicou a interpretabilidade desse fator, já que ele reunia itens com conteúdo distintos. Nesse sentido, optou-se por manter a solução com três fatores como a solução fatorial final, baseando-se na interpretabilidade dos fatores.

Tabela 1: Valores próprios randômicos e observados.

Fatores	Randômicos	Observados
1	1,2524	5,312
2	1,1946	1,744
3	1,1503	1,052
4	1,1108	0,896

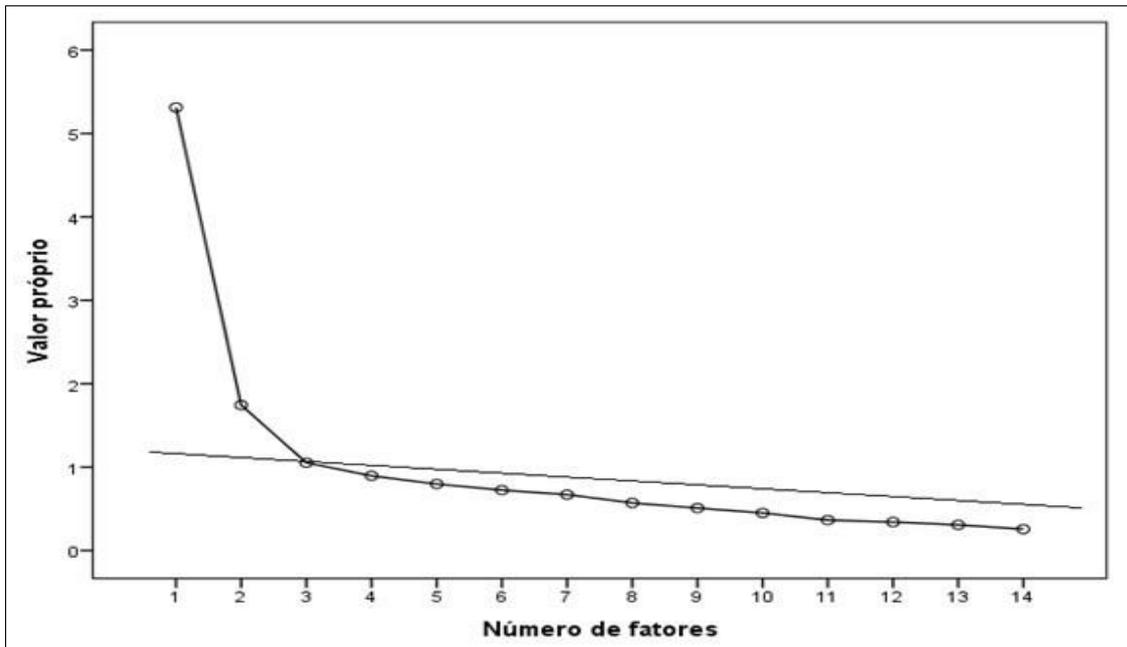
Fonte: Elaborado pelo autor.

Para a estrutura com três fatores, os resultados apontaram que o Fator 1 explicou 37,9% da variância total e reteve 6 itens, com cargas fatoriais variando entre 0,76 (item q46) e 0,49 (item q48), agrupando majoritariamente aqueles relacionados com conteúdo mais claramente reconhecido enquanto tipos de violência (roubar, xingar, agredir fisicamente), portanto, denominado de Violência Explícita (Tabela 2). Quanto à sua consistência interna, o Fator 1 apresentou um alfa de Cronbach de 0,79, que indica boa consistência interna.

O Fator 2 explicou 12,5% da variância total e reteve 5 itens, com cargas fatoriais variando entre 0,72 (item q60) e 0,53 (item q62), agrupando itens com conteúdo relacionados

à utilização de práticas escolares cotidianas, como: enviar avisos; fornecer notas; requisitar participação da direção; organizar a movimentação dos alunos pelos espaços escolares; porém, com a finalidade de ser violento com o aluno; fator denominado, então, de “violência disfarçada de práticas escolares”. Quanto à sua consistência interna, o Fator 2 apresentou um alfa de Cronbach de 0,80, que indica boa consistência interna.

Figura 1: Teste Scree Plot da Eval.



Fonte: Elaborado pelo autor.

O Fator 3 explicou 7,5% da variância total e reteve 3 itens, com cargas fatoriais entre 0,83 (item q66) e 0,43 (item q70), e conteúdo majoritariamente relacionado com situações em que os alunos sofreram violência por pares e o funcionário se omitiu; ação denominada de negligência, diante de violência entre alunos. Quanto à sua consistência interna, o Fator 3 apresentou um alfa de Cronbach de 0,76, indicando boa consistência interna. Tomando a escala como um todo, o alfa de Cronbach foi de 0,87, que indica a possibilidade de se computar um fator geral.

Tabela 2: Cargas fatoriais dos itens da escala de vitimização de funcionários a alunos (Evaf).

Itens	Fator 1	Fator 2	Fator 3
Roubou ou furtou materiais	0,76	0,11	0,08
Agressões físicas	0,65	0,14	0,10
Realizou Ameaças	0,59	0,18	0,26
Destruiu materiais propositalmente	0,54	0,13	0,08
Fez xingamentos e apelidos	0,53	0,16	0,14
Propagou rumores	0,49	0,38	0,12
Negou ida ao banheiro	0,12	0,72	0,21
Fez avisos injustos a diretora	0,17	0,64	0,23
Diminuiu nota injustamente	0,20	0,58	0,13
Indicou incapacidade de aprendizagem	0,25	0,58	0,38
Fez avisos injustos aos pais	0,19	0,53	0,25
Não protegeu de xingamento	0,11	0,31	0,83
Não protegeu de ridicularização	0,18	0,34	0,69
Não protegeu de agressão física	0,31	0,21	0,43

Nota: Os valores em negrito indicam os itens retidos no fator.

Fonte: Elaborado pelos autores.

3.2. Subamostra 2: Análise fatorial confirmatória

A análise confirmatória da estrutura com três fatores, observada na subamostra 1, indica que o ajuste do modelo aos dados é razoável, pois os valores dos índices de ajustes se mostraram próximos aos valores recomendados na literatura. Todavia, após uma inspeção dos Índices de Modificação (MI), optou-se por correlacionar os erros dos itens “diminuiu nota injustamente” e “negou ida ao banheiro” e dos itens “fez avisos injustos aos pais” e “fez avisos injustos à diretora”, já que apresentavam valores de IM acima de 100 (Garson, 2013) e conteúdos similares.

Após esses ajustes, os resultados apontaram que a estrutura com três fatores apresenta um ajuste aceitável, conforme Tabela 3, com valores de qui-quadrado normatizado abaixo de 5; valores de AGFI e CFI acima de 0,90; valor de NFI próximo a 0,90; e valores de RMSEA abaixo de 0,08. Todas as cargas fatoriais (saturações λ) foram estatisticamente significativas ($\lambda_j = 0$; $z > 1,96$; $p < 0,05$), variando entre 0,69 e 0,41 no Fator 1; entre 0,78 e 0,56, no Fator 2; e entre 0,82 e 0,58, no Fator 3. Os fatores apresentaram consistência interna satisfatória, com o Fator 1 alfa de Cronbach igual a 0,74; o Fator 2, apresentando alfa de Cronbach igual a 0,81; e, o Fator 3, apresentando alfa de Cronbach igual a 0,76. A Figura 2 traz os parâmetros estimados de acordo com o modelo proposto.

Tabela 3: Índices de ajuste para os diferentes modelos.

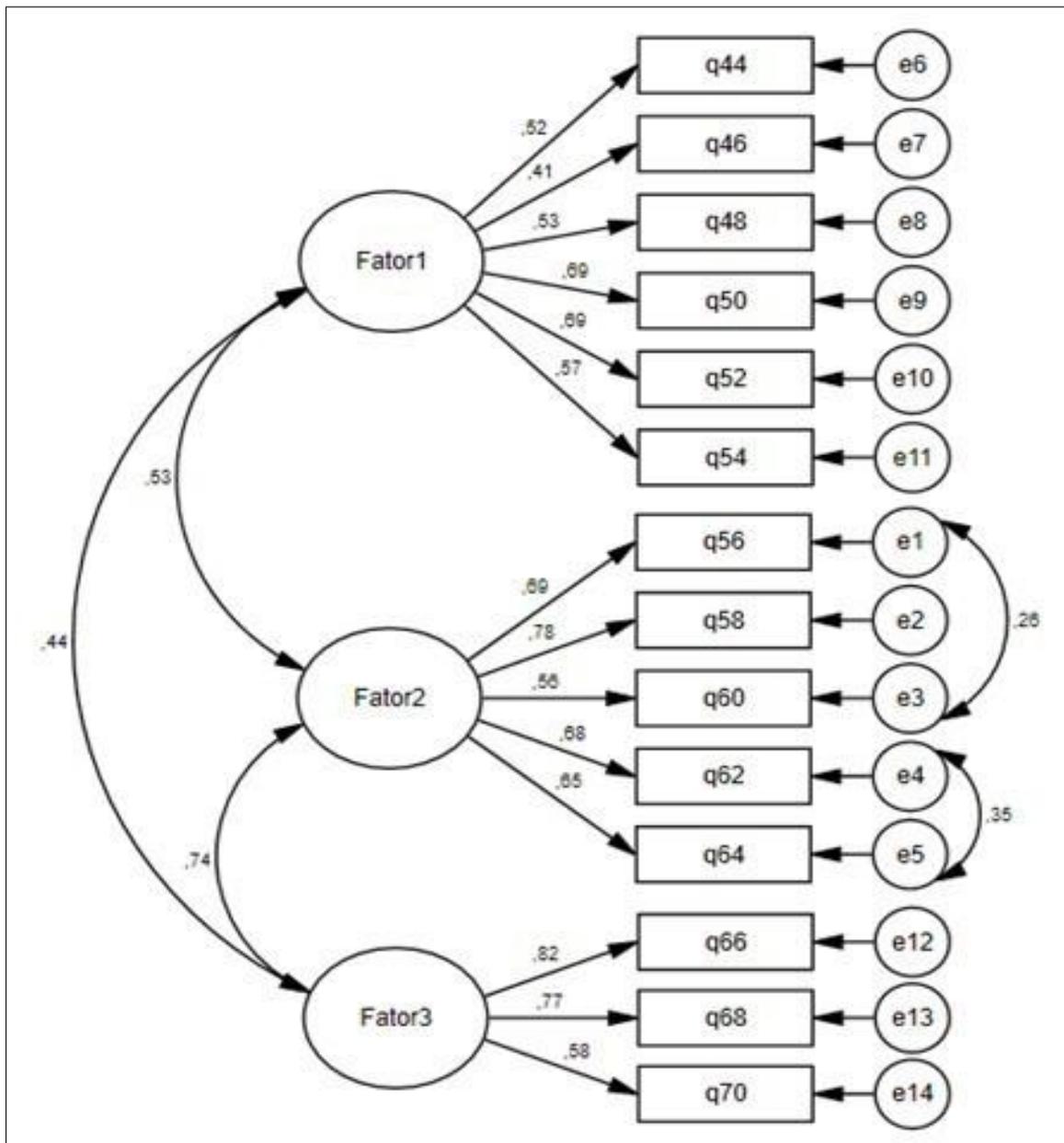
	χ^2	gl	χ^2/gl	AGFI	CFI	NFI	RMSEA [IC 90%]	ECVI	AIC
3 fatores	422,3	74	5,71	0,880	0,879	0,858	0,087 [0,079; 0,095]	0,776	484,32
3 fatores ajustado	326,3	72	4,53	0,901	0,912	0,890	0,075 [0,067; 0,084]	0,629	392,32
2 fatores	570,1	76	7,50	0,844	0,828	0,808	0,102 [0,094; 0,110]	1,007	628,14
1 fator	950	77	12,34	0,723	0,697	0,680	0,135 [0,127; 0,143]	1,612	1006,0

Nota: Os valores em negrito indicam os itens retidos no fator.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Para testar o ajuste de estruturas fatoriais alternativas, o modelo com três fatores foi comparado a um modelo com um único fator geral e a um modelo com dois fatores, obtido na análise fatorial exploratória. Os modelos bifatorial e unifatorial apresentaram índices de ajuste considerados insatisfatórios. Ademais, a comparação entre os três modelos indicou que o modelo com três fatores proposto tem melhor ajuste aos dados do que os modelos unifatorial e bifatorial já que apresenta valores mais baixos de ECVI e AIC.

Figura 2: Estrutura fatorial da Eval.



Fonte: Elaborado pelos autores.

A violência escolar envolve alunos, professor e outros funcionários, podendo esses personagens se revezarem no papel de vítima ou de agressor, cometendo atos de agressão física, psicológica, sexual e negligência que ocorrem dentro da escola, no trajeto casa-escola, em festas e passeios escolares e em ambientes virtuais (Stelko-pereira, 2010). Quando as ações violentas ocorrem dos funcionários para os alunos, segundo Charlot (2002), estas se denominam em “violência da escola”. Os padrões de comportamentos violentos cometido por professores e outros funcionários, têm como principal característica distintiva o abuso do poder, por se tratarem de adultos, os quais estariam em uma relação de cuidado diante da

criança e do adolescente, portanto, é um fenômeno também inserido no conceito de maus-tratos infantis (Brasil, 1990). Assim, entende-se que este fenômeno faz parte do que sejam maus-tratos infantis, em que um adulto que teria responsabilidade de cuidar comete agressões a uma criança ou adolescente.

A Organização Mundial da Saúde (2012) subdivide a violência nas seguintes modalidades: física, psicológica, sexual e negligência, sendo as três primeiras mais facilmente perceptíveis. Em relação à violência física, esta envolve a violência mais perceptível como empurrões, beliscões, bater com a mão ou artefatos, dentre outros e a punição corporal ou castigo físico. Já a violência psicológica costuma acompanhar a violência física, como também pode ocorrer sem agressões físicas. Este tipo de violência muitas vezes é de natureza verbal, em que são emitidas críticas constantes ou, algumas vezes pode ser de forma sutil, como a intimidação e a manipulação.

A violência psicológica perpetrada por professor ou funcionário de escolas pode ser dividida em: a) humilhação, como em situações de ridicularização, xingamento, culpar sem motivo, envergonhar e chamar por apelidos depreciativos e b) práticas educacionais inadequadas, como diminuir notas injustamente, enviar avisos injustos a direção ou aos pais e negar ir ao banheiro. A negligência ou atos de omissão no âmbito educativo formal pode ocorrer por parte do professor ou funcionários quando estes não buscam proteger os alunos de agressões físicas ou ridicularização. Por fim, a violência sexual, enquanto forma de maus-tratos, contra crianças e adolescentes se caracteriza por uma ampla série de ações, nas quais uma criança ou adolescente é envolvida por um adulto a atividade sexuais no qual não tem condição de consentir (OMS, 2012).

Cabe mencionar que, ainda que faça parte do fenômeno maus-tratos infantis, a violência por funcionários tem um caráter distintivo no que se refere a ocorrer em um local cujo objetivo é desenvolver as habilidades cognitivas, emocionais e sociais, ensinar conhecimentos de diversas disciplinas gerados pelas gerações anteriores e atuais e empoderar para a transformação social, visando o cumprimento dos Direitos Humanos. Assim, todos os que trabalham com a educação formal tem um papel fundamental no desenvolvimento humano e da própria sociedade.

O estudo da violência por funcionários de escolas é, então, essencial, pois quando pessoas às quais são referência em nossa sociedade para a formação humana agem de modo violento, podem acabar perpetuando a violência em nossa sociedade, uma vez que esta maneira de agir pode ser aprendida, desenvolvendo uma geração com comportamentos

violentos e autoritários e desvirtuando toda a função educativa (Santos, 2017). Segundo Silva (2013):

“(...) a escola está contribuindo para legitimar esse comportamento fora e dentro da escola. Mais que isso, a escola está funcionando, devido à representação social que ainda tem, como uma “escola” da produção e reprodução da violência em consonância com a sociedade como um todo.” (p. 349).

A Evaf apresenta 14 itens, os quais, a partir das análises exploratórias e confirmatórias, se agruparam em três dimensões, consideradas pertinentes, quando analisadas teoricamente, e que englobam a maior parte do fenômeno violência por funcionários de escolas. O conjunto de itens tanto aborda a violência mais explícita (agressões físicas, xingamentos, ameaças, etc.), que costuma ser mais passível de questionamentos por alunos, pais de alunos e direção escolar, inclusive acarretando punições (advertências, demissão, etc.), quanto a violência mais implícita, que permite maior subjetividade em seu reconhecimento e consequenciação, como empregar práticas escolares cotidianas para usar de violência com os alunos e se omitir diante de violência entre alunos, não os protegendo.

A solução de três fatores mostrou-se pertinente, pois permite distinguir os alunos que sofrem mais de um tipo de violência de funcionários do que de outro. Devido à carência de estudos sobre o tema, apenas pode-se especular que os fatores de risco às três formas de violência por funcionários sejam distintos.

Hipotetiza-se que os alunos que sofrem de violência explícita sejam os que mais marcadamente apresentam comportamentos indesejados, como agredir fisicamente os colegas, portar armas e usar álcool, cigarros e drogas ilegais, de modo que a violência perpetuada pelo funcionário se configura como uma reação às atitudes do aluno. Já os alunos que são indisciplinados, ou pouco motivados, podem ser os que pontuam mais no Evaf, na dimensão violência disfarçada de práticas escolares, pois suas ações podem gerar sentimentos negativos nos educadores, como desvalia, frustração, ansiedade, os quais, se não discutidos e refletidos, podem relacionar-se com a violência disfarçada de práticas escolares, mais reconhecida pelo próprio aluno do que pelo educador. Por exemplo, a um aluno que comumente faz todas as tarefas, o educador não nega a ida ao banheiro, mas àquele que conversa durante as explicações, o educador nega.

Por fim, a negligência diante da violência por pares estaria mais relacionada a alunos que comumente são vítimas-autores de *bullying*; isto é, alunos mais impulsivos, que carecem de habilidades para solucionar conflitos e, assim, apresentam dificuldade em encontrar

maneiras pacíficas de enfrentar problemas relacionais. As vítimas-autores apresentam acentuada probabilidade de rejeição social, haja vista que se caracterizam por altos índices de vitimização e agressão. Além disso, identificam-se comportamentos impulsivos e violentos, apresentando pouco habilidade social, o que repercute em menos empatia no cenário escolar e com altos índices de rejeição (Silva, Oliveira, Carlos, Lizzi, Ajrio & Silva, 2018). Vítimas de *bullying*, geralmente, são pessoas que integram minorias (negros, homossexuais, obesos, entre outros), característica, acredita-se, que também é verdadeira para situações de vitimização por funcionários (Sampaio, Santos, Oliveira, Silva, JL, Medeiros & Silva, Mai, 2015).

Certamente, são necessários estudos para averiguar essas possibilidades e se as consequências são diferenciadas, aos alunos, de acordo com o tipo de violência praticada por funcionários. Ademais, é possível que estratégias preventivas distintas sejam necessárias, diante de cada forma de violência exercida por funcionários.

Apesar de o instrumento abarcar a maior parte do fenômeno da violência por funcionários, tendo uma variância explicada adequada (57,9%), alguns aspectos não foram incluídos, como a violência sexual por funcionários, que consta na definição da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2012) e que foi apontada como possível ocorrência em escolas (Whitted, 2008; Khoury-Kassabri, Astor & Benbenishty, 2008) e a violência que se associa a questões de preconceito étnico, de gênero e orientação sexual (Wei, Stelko-Pereira, Sá & Williams, 2015) . Ainda que não tenham sido incluídas questões específicas, a violência sexual comumente ocorre com a violência psicológica (quando o agressor faz ameaças) e de violência física (Matos, Pinto & Stelko-Pereira, 2018) de modo que, quando alunos apresentam altos escores no Evaf, é importante inquirir se há também violência sexual, tema que comumente é tabu. Similarmente, altos índices no Evaf também indicam a necessidade de se questionar sobre sofrer preconceitos, pois esses podem se manifestar tanto com o uso da violência explícita, quanto da disfarçada de práticas escolares ou da negligência diante da violência por alunos.

Os resultados da consistência interna dos domínios foram excelentes e com alta correlação entre os itens integrantes de cada domínio. Assim, detectou-se que os domínios fazem parte da mesma dimensão conceitual, resultando em uma escala de medida confiável. Destaca-se que o valor de Alpha encontrado para a escala total revela um escore desejável da consistência interna do instrumento completo. Trata-se de um importante preditor da confiabilidade e precisão desses resultados. Apesar disso, é necessária a aplicação da escala em diferentes populações e contextos, no sentido de confirmar os valores psicométricos, e a partir de outros parâmetros, como teste-reteste e validades convergente e divergente.

4. Considerações Finais

O objetivo deste estudo foi verificar evidências de validade e precisão de uma escala de avaliação de violência praticada por funcionários, tendo sido possível verificar ótimo nível de validade e precisão. Esse resultado permitiu a indicação de elementos para o aprimoramento da escala e também a confirmação, por meio de uma técnica de análise de dados, da estrutura empírica unidimensional, corroborando com sua estrutura teórica.

Portanto, esse instrumento pode ser útil para o estudo da prevalência e incidência do fenômeno, bem como dos fatores de risco e de proteção da violência infligida por funcionários e professores a alunos. Desse modo, o Evaf pode auxiliar na descrição dos fenômenos relacionados a esse tipo de violência, proporcionando o aprimoramento dos modelos explicativos do fenômeno.

Referências

- Cavalcante, L. A. C. (2020). Psicologia forense e sua relação com crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual. *Research, Society and Development*, 9(1), e28911491.
- Garson, G. D. (2013). *Scales and measures*. Asheboro: (NC).
- Horn, J. L. (1965). A rationale and test for the number of factors in factor analysis. *Psychometrika*, 30(2), 179–185.
- Hair, J., Black, W., Babin, B., Anderson, R., & Tathan, R. (2009). *Análise multivariada dos dados*. 6th ed. Porto Alegre (RS): Bookman.
- Khoury-Kassabri, M., Astor, R. A., & Benbenishty, R. (2008). Student victimization by school staff in the context of an Israeli national school safety campaign. *Aggressive Behavior* 34(1), 1-8.
- Matos, K. J. N. (2019). *Violência impetrada por professores e funcionários das escolas públicas a estudantes [thesis]*. Fortaleza (CE): Universidade Estadual do Ceará.

Matos, K. J. N., Pinto, F. J. M., & Stelko-Pereira, A. C. (2018). Violência sexual na infância associa-se a qualidade de vida inferior em universitários. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria* 67(3), 10-17.

Organização Mundial da Saúde (2012). Relatório mundial sobre violência e saúde. Genebra: OMS.

Sampaio, J. M. C., Santos, G. V., Oliveira, W. A., Silva, J. L., Medeiros, M., & Silva, M. A. I. (2015). Emotions of students involved in cases of bullying. *Texto & Contexto – Enfermagem* 24(6), 344-352.

Stelko-Pereira, A. C., Williams, L. C. D. A. (2010). Reflexões sobre o conceito de violência escolar e a busca por uma definição abrangente. *Temas em Psicologia, scielo*psic, 18, 45–55, 00.

Charlot, B. (2002). A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. *Sociologias, Porto Alegre, ano 4 jul/dez*, 432 – 443, 12.

Brasil. Constituição (1990). Constituição da República Federativa do Brasil. Organização de Alexandre de Moraes. (16a ed.) São Paulo: Atlas, 2000.

OMS. (2012). Relatório Mundial sobre Violência e Saúde. Genebra: Organização Mundial de Saúde.

Santos, R. F. M. D. (2017). Violência escolar e as relações de poder entre professores e estudantes: uma análise em escolas estaduais de ensino médio de ribeirão preto/sp. Universidade Estadual Paulista (UNESP).

Silva, M. D. (2013). A violência da escola na voz de futuros professores: uma probabilidade da produção da cultura da violência em ambientes escolares? *Educar em Revista, scielo*, 339 – 353,09.

Silva, J. L., Oliveira, W. A., Carlos, D. M., Lizzi, E. A. S., Ajrio, R. R., & Silva, M. A. I. (2018). Intervention in social skills and bullying. *Revista Brasileira de Enfermagem* 71(5), 1085-1091.

Stelko-Pereira, A. C., & Williams, L. C. A. (2016). Evaluation of a Brazilian school vigilance prevention program (Violência Nota Zero). *Pensamiento psicológico* 14(1), 63-76.

Urbina, S. (2006). *Fundamentos da testagem psicológica*. São Paulo: Artmed.

Wei, H. S., Stelko-Pereira, A. C., Sá, L. G. C., & Williams, L. C. A. (2015). Bullying, vitimização por funcionários e depressão: relações com o engajamento emocional escolar. *Psicologia Escolar e Educacional* 19(12), 463-473.

Whitted, D. (2008). Do teachers bully students? findings from a survey of students in an alternative education setting. *Children & Schools* 40(4), 329-341.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Karla Julianne Negreiros de Matos – 42%

Ana Carina Stelko Pereira - 37%

Lidia Andrade Lourinho - 21%